

Covid-19, futebol e cura

José Roberto R. Afonso

Professor do doutorado do IDP e pós-doutorado do ISCSP
da Universidade de Lisboa

Pedro Trengrouse

Coordenador do Programa FGV/FIFA/CIES
em Gestão de Esporte

Nada será como antes do coronavírus, na sociedade, na economia, nem mesmo no futebol – algo tão caro ao povo brasileiro. Não seria a hora de transformar o futebol num vetor econômico que ajude o país, ao invés de seguir financiando entidades esportivas insolventes com dinheiro público?

Walter Scheidel, professor de Stanford, na obra *The great leveler*, ressalta que doenças, guerras e epidemias são catalisadoras de transformações profundas e é principalmente nestes fenômenos que se reduzem desigualdades sociais, ainda que momentaneamente. Jared Diamond, historiador e antropólogo que ganhou o Prêmio Pulitzer com o livro *Guns, germs and steel* também reforça a tese: “doenças têm sido fatores decisivos da história”.

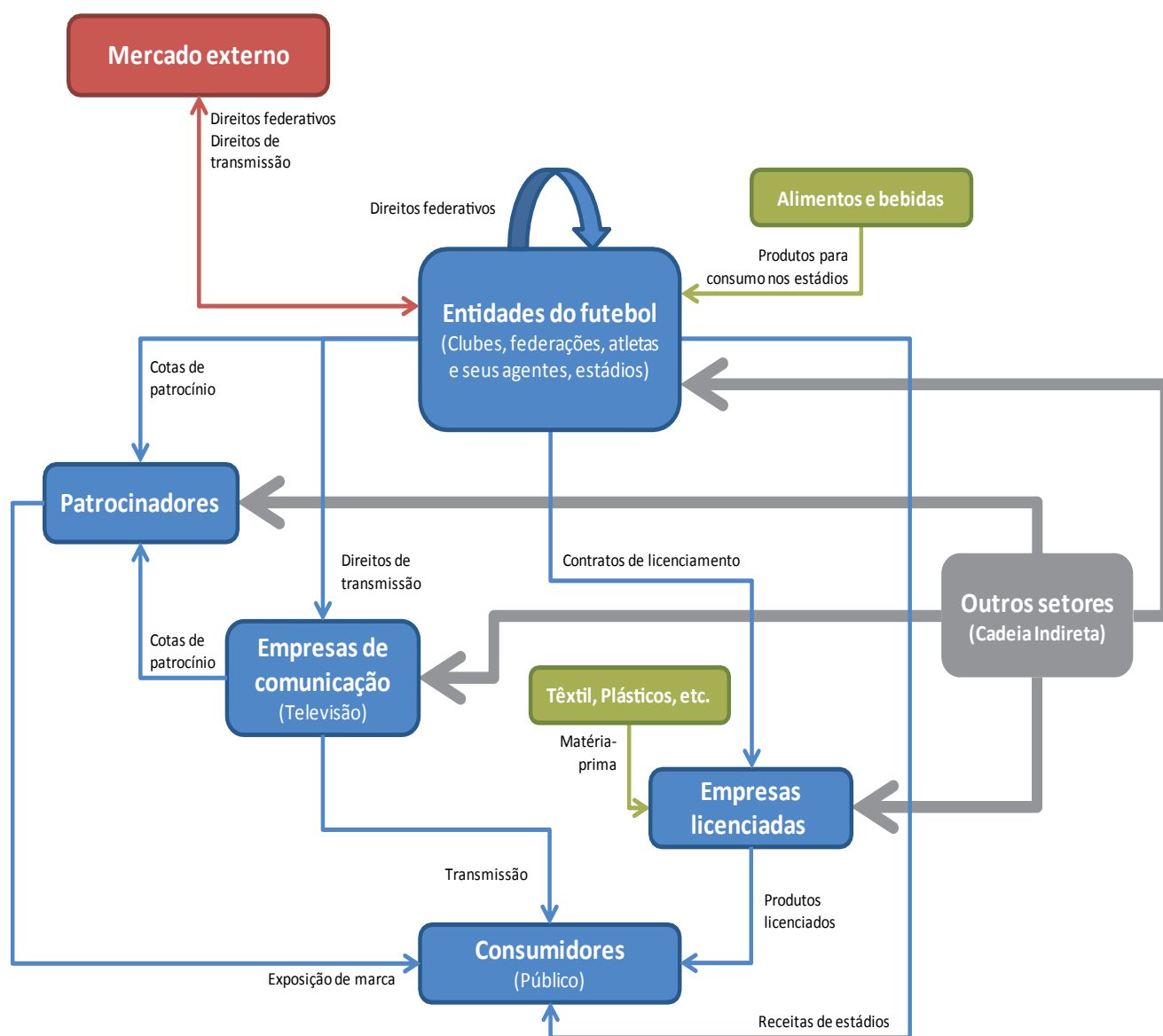
Temos uma oportunidade ímpar para virar o jogo em muito do nosso dia a dia, inclusive no futebol, que faz parte do arranjo produtivo e precisa ser compreendido como atividade econômica – vide fluxograma na página seguinte. Estudo da FGV¹ realizado a pedido do governo federal apontou que a cadeia produtiva do



futebol gera 371 mil empregos diretos, indiretos e induzidos no Brasil, com potencial para gerar R\$ 2,1 milhões se fosse melhor estruturado.

O futebol profissional hoje é negócio de bilhões e não pode continuar sendo administrado por estruturas criadas para contar tostões. Onde tudo é de todos, nada é de ninguém. Nos países onde o futebol é bem desenvolvido há unanimidade: em regra, associação sem fins lucrativos não serve para gestão de futebol profissional. Exemplos como Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Portugal e Estados Unidos onde a esmagadora maioria dos clubes é empresa evidenciam isso. Mesmo na Espanha, onde a lei que obrigou clubes a se organizarem como empresas previu uma exceção para associações que tivessem resultado operacional positivo nos últimos anos, clubes que se mantiveram como associação pagam impostos e a diretoria é obrigada a prestar garantia financeira para a gestão, colocando seu patrimônio pessoal em jogo como se fossem os donos de uma empresa. Em uma empresa, os gestores são responsabilizados pelos seus atos e o pa-

Fluxograma: negócio do futebol



Fonte primária: FGV, Pedro Trengrouse.

trimônio investido pelos sócios sofre com a má gestão, o que são grandes incentivos para a eficiência.

Por analogia, pode-se classificar o futebol brasileiro em grupo de risco e cheio de comorbidades: arquitetura institucional arcaica, estrutura de governança obsoleta, modelo de gestão ineficiente e crise de liquidez beirando a insolvência. A suspensão dos jogos

e os efeitos econômicos da pandemia no arranjo produtivo e no poder de compra dos torcedores só aceleram a tendência na direção da bancarrota. Mesmo com a iminente retomada das atividades, a análise de *O Globo* sobre as receitas dos clubes da Série A deixa evidente possíveis perdas com jogos sem torcida e eventual retração do setor publicitário. Isso sem falar

nos impactos no mercado de transferências, que também representa uma fonte significativa de receitas para os clubes brasileiros.

Todas as atividades econômicas precisarão de ajuda dos governos para sobreviver, como está a ocorrer em todo o mundo. O futebol também. A diferença é que no caso brasileiro isso deve passar por mudanças estruturais.

Entre os dez maiores mercados do futebol mundial, o Brasil é o único que não tem liga nem clube empresa.

Empresas vão à falência, bens são leiloados e paga-se o possível a credores. Nos Estados Unidos, a USA Rugby pediu recuperação judicial por

causa da pandemia. Se não se recuperar, encerra atividades, paga o que puder e a modalidade recomeça em nova entidade. Por que carregar eternamente um passivo que impede o desenvolvimento pleno da atividade e prejudica o país inteiro?














Como clubes não são empresas, não estão sujeitos à recuperação judicial, nem à falência. Os juristas Luiz Roberto Ayoub e Pedro Teixeira, que há tempo defendem a tese da recuperação para clubes brasileiros, já superendividados antes da pandemia, conseguiram inclusive sensibilizar o deputado Pedro Paulo, que incluiu o tema no projeto de lei chamado Clube-Empresa. Por que não pensar nessa crise como freio de arrumação, apurar o prejuízo e reestruturar o futebol brasileiro?²

Se clubes já fossem empresas, praticamente 90% dos jogadores brasileiros, que recebem até dois salários mínimos, estariam contemplados nessa linha de crédito emergencial que o governo lançou para financiar a folha de pagamento das empresas pelos próximos dois meses. Quanto à minoria dos jogadores que chegaram à elite do futebol, inclusive mundial, com rendas bilionárias: podem sacar de suas poupanças para o consumo básico que se consegue usufruir durante a quarentena e ainda continuarão milionários.

Aliás, vale ressaltar que diversos jogadores têm demonstrado extrema consciência social com ações solidárias nesse momento tão delicado. Os ingleses esperam arrecadar mais de £ 4 milhões (#PlayersTogether) para o Serviço Nacional de Saúde, os da Juventus renunciaram a quatro meses de salário, economizando € 90 milhões para o clube, os do Benfica doaram mais de € 1 milhão para o combate à pandemia, os do Barcelona cortaram seus salários em 70% para que outros funcionários do clube recebessem integralmente.

De olho no faturamento

Receita de clubes da Série A de acordo com os últimos balanços publicados

	Receita do futebol (em milhões)	Percentual bilheteria	Percentual TV + patrocínio
 Flamengo (2019)	899,7	■ 12,12%	■ 45,38%
 Palmeiras (2018)	653,8	■ 17,15%	■ 40,52%
 Corinthians (2018)	438	■ 13,83%	■ 54,92%
 Santos (2019)	399,8	■ 6,01%	■ 33,39%
 Grêmio (2018)	384,2	■ 0,22%	■ 44,54%
 São Paulo (2018)	369,4	■ 8,33%	■ 42,87%
 Internacional (2018)	293,2	■ 4,63%	■ 46,66%
 Fluminense (2018)	279,1	■ 3,88%	■ 45,25%
 Vasco (2018)	246,7	■ 5,90%	■ 44,96%
 Atlético-MG (2018)	237,7	■ 3,44%	■ 53,20%
 Bahia (2019)	189,5	■ 8,98%	■ 50,72%
 Botafogo (2018)	155,5	■ 4,26%	■ 71,83%
 Ceará (2018)	64,7	■ 16,46%	■ 52,43%

Fonte: O Globo.

A letargia para tomar medidas emergenciais aumenta o problema. A Federação Espanhola de Futebol estruturou linha de crédito de quase R\$ 3 bilhões para clubes das 1ª e 2ª divisões. Os maiores clubes alemães criam um fundo de solidariedade na Bundesliga com mais de R\$ 100 milhões. Na Inglaterra, mesmo na crise, investidores estão comprando o Newcastle por £ 300 milhões. O Brasil é o maior exportador de jogadores do mundo, mais de mil por ano, e não recebe nenhum investimento. Até brasileiros preferem investir no exterior, como é o caso do Ronaldo no Valladolid e do Flávio Augusto no Orlando City.

Amir Somoggi, especialista da Academia LANCE!, projeta que o esporte deve perder mais de US\$ 15 bilhões no mundo. A *Forbes* indica que as receitas das ligas dos Estados Unidos devem cair cerca de US\$ 5 bilhões. O Centre International d'Etude du Sport (Cies) calcula desvalorização de 28%, € 10 bilhões, no valor dos jogadores das cinco principais ligas de futebol da Europa, onde a KPMG também estima que receitas cairão € 4 bilhões. O jornalista Rodrigo Capelo, entrevistando o executivo da EY responsável pela área de esportes, apontou estimativa que clubes brasileiros deixarão de arrecadar entre R\$ 500 milhões e R\$ 2 bilhões em 2020.

É preciso virar o jogo, sobretudo no caso brasileiro. Isto começará por investir em iniciativas que permitam conciliar saúde, esporte e economia. De imediato, enquanto não se tiver a garantia da população toda vacinada e imune, a vida não voltará ao nor-

Com os efeitos da crise nos patrocinadores, na TV e no público dos estádios, é preciso implementar políticas públicas inteligentes para que o futebol se modernize

mal e os esportes serão práticos em estádios basicamente vazios – como alertou até Bill Gates.³

É preciso participar do esforço mundial na busca de medidas que resguardecam a integridade dos atletas, demais profissionais e torcedores, ao mesmo tempo em que se busca viabilidade e sustentabilidade econômica. O futebol brasileiro é um bom investimento em qualquer cenário. O mercado interno ainda tem muito para crescer. Entre os dez maiores campeonatos do mundo, o Brasil é o único em que clubes ainda não organizaram ligas. Outro ponto importante é o mercado externo. O Brasil é o maior exportador de jogadores do mundo. Receitas em dólar, custos em reais.

As soluções de saúde certamente desembocarão em aumentar o uso da tecnologia, inclusive com redes sociais levando os torcedores para dentro dos campos, do vestiário, das academias, para a vida do seu clube.⁴ O faturamento dos clubes, que em muito já

tinha passado dos estádios para a televisão e para lojas franquizadas, começará a vir cada vez mais da internet.

Clubes transformados em empresas terão ações em bolsas de valores e até mesmo os direitos econômicos dos jogadores precisam ser estruturados como ativos financeiros nos mercados de capitais para atrair investimentos de fãs e investidores, sem prejuízo da integridade esportiva. Tudo isso começa por contabilidade crível e auditada e um padrão de gerenciamento responsável, eficiente e transparente, como nos demais negócios de uma economia madura.

Só que para chegar a esse maravilhoso novo mundo, é preciso sobreviver à pandemia. Com os efeitos da crise nos patrocinadores, na TV e no público dos estádios, é preciso implementar políticas públicas inteligentes para que o futebol brasileiro se modernize.

No Brasil, o governo pode, por exemplo, apoiar a cadeia produtiva do futebol via BNDES, como faz com o Fundo Setorial do Audiovisual, que já investiu mais de R\$ 200 milhões, o BNDES Saúde, que financia a modernização da gestão, da governança e da eficiência operacional, visando à sustentabilidade econômico-financeira de instituições filantrópicas e o Fundo Social, que prevê investimentos em desportos. Recursos das loterias, que nos últimos 5 anos destinaram R\$ 427 milhões aos clubes de futebol, poderiam ser antecipados, desde que desvinculados dos financiamentos que garantem atualmente. A Finep pode viabilizar investimentos para estruturação dos clubes em empresas e dos projetos a

serem apresentados ao BNDES, como *due diligence* contábil e jurídica, estudos de viabilidade econômica etc.

O Congresso pode aprovar legislação favorável ao Clube-Empresa, como o “PL Pedro Paulo”, em tramitação no Senado depois de aprovado quase por unanimidade na Câmara, e aprimorar as Leis de Incentivo, como defende o “PL Alcino Rocha”, que facilita doações de pessoas físicas em até R\$ 6 bilhões/ano.

Os clubes podem criar a liga e melhorar o ambiente de negócios do futebol brasileiro, com mecanismos coletivos para garantir sua saúde financeira. Também podem atravessar a crise de liquidez securitizando ativos como sócio-torcedor, que subiram mais de 40% nos últimos 5 anos, ultrapassando R\$ 400 milhões/ano.

A CBF pode estruturar linha de crédito e fomento para clubes e articular junto à Fifa a regulamentação do investimento em direitos econômicos de jogadores para atrair recursos novos, a exemplo do que ocorria até 2015. Esses são apenas alguns exemplos que poderiam ajudar o futebol a sair mais forte dessa crise. Cada um só precisa cumprir o seu papel.


Nos países em que os clubes são empresas, já se organizaram em ligas e a arquitetura institucional do futebol é mais madura, a reação à crise com medidas concretas tem sido bem mais rápida. No Brasil, a fragilidade da arquitetura institucional tem retardado as reações e pode custar ainda muito mais caro nesse momento de crise. Principalmente em questões trabalhistas. O

Essa é uma hora crucial para o futebol brasileiro. O coronavírus antecipou e agudizou uma crise que já estava gestada há anos e cujas soluções vinham sendo adiadas ou evitadas

Sindicato Nacional dos Jogadores ainda não tem Carta Sindical.⁵

Os clubes, sem liga e na confusão entre dois sindicatos patronais, Sindafebol e Fenaclubes, negociaram com a Fenapaf através da Comissão Nacional de Clubes, prevista no Estatuto da CBF. Um lado sem legitimidade, outro sem atribuição nem personalidade jurídica, por maior que fosse a boa vontade, seria possível algum acordo?

Enfim, essa é uma hora crucial para o futebol brasileiro. O coronavírus antecipou e agudizou uma crise que já estava gestada há anos e cujas soluções vinham sendo adiadas ou evitadas. O foco das ações deve ser remediar o curto prazo e garantir a sobrevivência do ecossistema do futebol no longo prazo. A crise deve alertar para os problemas fundamentais e evidenciar a necessidade de aprofundamento da discussão técnica em todos os níveis decisórios, passando pelos clubes, confederações e governo.

Podemos e vamos virar esse jogo no futebol, como de resto na economia e na sociedade brasileiras. 

¹FGV Projetos, Mensuração Socioeconômica e Financeira do Futebol Brasileiro: Relatório de Recomendações para a Reestruturação do Futebol Profissional Brasileiro, 2010.

²Artigo do analista Cesar Grafietti mostra que, diferentemente de clubes de futebol sem viabilidade econômica, que se arrastam feito zumbis impondo custos altíssimos à toda a sociedade, é um dado natural da economia que empresas passem pelos procedimentos de recuperação judicial e falência, o que infelizmente deve aumentar com os efeitos da pandemia. Ver: <https://bre.is/joWLEgqb>.

³Conforme defendeu Bill Gates: “I believe that humanity will beat this pandemic, but only when most of the population is vaccinated. Until then, life will not return to normal. Even if governments lift shelter-in-place orders and businesses reopen their doors, humans have a natural aversion to exposing themselves to disease. Airports won’t have large crowds. Sports will be played in basically empty stadiums. And the world economy will be depressed because demand will stay low and people will spend more conservatively”. Ver artigo “The world after covid-19”, *The Economist*, 23/4/2020, em: <https://bre.is/Brpnp5WY>.

⁴Na mesma direção de profissionalização do futebol brasileiro e com muitas estatísticas para reforçar diagnóstico e propostas, ver artigo de Cesar Grafietti, “Não adianta apontar o dedo: hora de começar a apresentar ideias para o futebol brasileiro”, *InfoMoney*, 9/4/2020 – ver: <https://bre.is/v9ouN5aq>.

⁵A base da Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol (Fenapaf) não tem sindicatos estaduais em SP, BA, SC, GO, ES, DF, MA e MG, que englobam mais da metade dos atletas. A falta de representatividade é tanta que jogadores da Série C pediram ajuda diretamente à CBF. E mais: a própria Fenapaf, em nota oficial, desautorizou seu presidente por concordar em reduzir o intervalo de descanso entre as partidas.

⁶A Comissão Nacional de Clubes da CBF reúne cinco clubes da Série A, dois da B, um da C e um da D, com a incumbência de “fazer sugestões visando assegurar o equilíbrio competitivo, a modernização organizacional e a integridade das competições nacionais de futebol, podendo representar as entidades de prática desportiva de futebol em comitês e comissões da CBF”.